

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 03 – 2009, MARÇO
Assinatura até 31.12.09: 09 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Las campanas, el Sol, el cielo claro
me llenan de tristeza, y en los ojos
llevo un dolor que todo el mundo mira,
un rebelde dolor que el verso rompe
y es ¡oh mar! la gaviota pasajera
que rumbo a Cuba va sobre tus olas!
Vino a verme un amigo, y a mi mismo
me preguntó por mí; ya en mi no queda

José Julián Martí 1853-1895, Domingo Triste, Versos Libres,
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Pasaba la vida errante y vago
como nauta perdido en noche oscura,
y tú te erguiste peregrina y pura
como cisne impoluto en manso lago.

Besaba el agua en un sollozo mago
tu plumaje de pura y rica alhura,
y tu voz de suavísima dulzura
hasta el cielo llegaba en lento halago.

Te vi y en llamas de fervor profundo
junto a tus pies ahogué mi mocedad,
olvidado de mí, de Dios, del mundo...

Mas pronto huiste y en mi soledad,
ya solo imploro, sólo y errabundo,
la nostalgia de mi felicidad.

Fagundes Varela 1841-1875, Como mi amor te vio

Huyo de la vejez, y tanto más me apego
al sueño de que en breve la muerte a horror tan lento
me arrancará; por tanto, abrevio el testamento:
– Dejo el cuerpo a la Letra, a Dios el alma eterno.

A los grandes del mundo el breve espacio lego
que ocupo, y desde donde ni los veo. Y al viento
dejo cuanto escribí, sin arte y pensamiento,
solo para llenar mi pobre orgullo ciego.

Dejo a mis enemigos perdón por sus ofensas;
a mi mujer, en pago por mis deudas inmensas,
las nobles ilusiones que prendieron mi aprecio.

Nada puedo dejar a mi patria adorada.
A los poetas jóvenes dejo mi ejemplo... ¡nada!
Lego a mis detractores mi olímpico desprecio.

Rozendo Muniz 1845-1897, Testamento

Las manos de esa débil criatura
parecen de camelias, por sedosas,
se dibuja en su débil contextura
el azul de las venas caprichosas.

Levemente alargadas y graciosas
de las teclas superan la blancura,
y desprecian las lindas perezosas
los finos arabescos de costura.

Los dedos son de jade modelado,
las uñas... solo en China las paletas
podrían imitarles el rozado;

si alguien las besa en curvas etiquetas,
siente un aroma dulce y delicado
cual aroma sutil de las violetas.

Gonçalves Crespo 1846-1883, Las Manos

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Enquanto houver rouba-lheira
e político ordinário,
nessa Pátria brasileira,
só há paz no dicionário.

Alóisio Bezerra, 0702, Aconte-
cências: R. Manoel F. Albuquerque, 457
53427-270 – Paulista, PE

Por minha vida sem graça
passaste tão de repente...
Muitas vezes a que passa
é que fica eternamente!

Colbert Rangel Coelho, 08 Outono,
LINteratura, Pq.Fco.Rez.Costa 283
35500-427 – Divinópolis, MG

Alguns homens, em verdade
lembram pinheiros de corte:
são úteis à humanidade
até mesmo após a morte!

F. Luzia Neto, 0702
Bali: Caixa Postal 47
28570-970 – Itaocara, RJ

Com teu calor, vem e aquece
meu triste corpo vazio...
Vem, meu amor, que anoitece,
e estou tremendo de frio.

Manita, 0803,
Trovalegre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pousou Alegre, MG

Um problema para mim:
se a cabeça nos diz não
e o coração nos diz sim,
para quem damos razão?

Silva Barreto, 1207, A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo, SP

Se algum deslize acontece
com a criatura humana
tendo brio se entristece,
sendo vil, ela se ufana.

Ubiratan Queiroz, 0602
O Pitiguari: Rua Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Família reunida
na mesa do restaurante
filé de dourado.

Mamão madurinho
encontrado no gramado
manjar de sanhaços.

Crisântemos brancos
cobrem o corpo da mãe
nove filhos choram.

Roçado de milho
só restam talos em pé –
gafanhoto peregrino.

Casa abandonada –
o melão-de-são-caetano
cobre os alicerces.

Paisagem distante
a neblina de Petrópolis
desde o quintal.

Gritos ritmados
pescadores puxam a rede
cheia de peixe-espada.

Benedita Azevedo, Praia do Anil, 2006 – Grêmio Haicai Sabiá/Araucária Cultural, Contatos: (41) 3029-8713

TEMAS DA SAZÃO OU TONO – QUIDAIS DE OUTONO

Gafanhotos saltam!
Se confundem com as folhas,
na imensidão verde...

Amália Marie Gerda

Uma flor apenas.
E o perfume do crisântemo
invadindo a casa...

Darly O. Barros

Ao fim da tardinha,
no cais, foguetes do barco...
– Traz farta sardinha.

Fernando L. A. Soares

Cai forte neblina
na manhã fria e cinzenta.
Um sol *meia-boca*.

Fernando Vasconcelos

Aluno escondido,
come a mexerica, em classe.
Professora sabe.

Maria Regina Labruciano

Cheia a compoteira –
gostoso doce de figos.
Comensais se fartam.

Olíria Alvarenga

Debruando o verde
boninas emprestam cor
ao jardim modesto.

Walma da Costa Barros



HAICUS E M FOLHA

Uma nuvem verde
passa pela plantação
gafanhotos agem. C

Alba Christina

Dia da Mulher
rosas, desfile de modas
e a lida de sempre. I

Alba Christina

Compoteira antiga
aparece sobre a mesa
compota de figo. I

Alba Christina

No pomar, perfumes...
Figos maduros e os pássaros
bailando entre as ramas. I

Amália Marie Gerda

Do ombro do espantalho,
o gafanhoto, atrosmente,
salta sobre as folhas. R

Amália Marie Gerda

O chão lambuzado.
Figo em calda despencou
de cima da mesa. C

Analice Feitoza de Lima

Pausa para festa.
Repartição comemora
Dia da Mulher. I

Analice Feitoza de Lima

Diante os gafanhotos
lavrador desesperado.
Roça destróçada. AA

Analice Feitoza de Lima

No pátio da fábrica,
festa para as operárias.
Dia da Mulher. B

Angelica Villela Santos

Caixinhas de figo
atraem os compradores.
Delícia de outono. R

Angelica Villela Santos

No meio das folhas,
o gafanhoto se esconde.
É mais uma delas. R

Angelica Villela Santos

No verde gramado
ninguém vê o gafanhoto
que se iguala à grama. I

Argemira F. Marcondes

Cheiro delicioso
se espalha pela cozinha.
É doce de figo. R

Argemira F. Marcondes

Com fome de verde,
gafanhotos atacam.
Lavroura perdida... I

Darly O. Barros

De volta do aúde,
deixam seus rastros no pó.
Dia da Mulher. R

Darly O. Barros

No meio do campo
uma árvore frondosa.
Figos já maduros. C

Denise Cataldi

Verde como as folhas
um gafanhoto se esconde
no galho da planta. C

Denise Cataldi

No meio do trânsito
elas passam apressadas.
Dia da Mulher. R

Denise Cataldi

Lavrador chorando:
nuvem de gafanhotos,
colheita perdida. C

Djalda Winter Santos

Simbolicamente
caem pétalas de rosas:
Dia da Mulher. I

Djalda Winter Santos

Flores e beijocas
para a mamãe e a vovó.
Dia da Mulher. R

Flávio Ferreira da Silva

Horta devastada
pôr gafanhotos vorazes.
Campônio deplora. R

Flávio Ferreira da Silva

Mais um salto,
gafanhoto pousado.
Menino o pega. AA

Manoel F. Menendez

Em volta da mesa
brilham olhos das crianças:
compota de figo... C

Neuza Pommer

No salão da firma
funcionárias ganham flores.
Dia da Mulher. I

Neuza Pommer

Garoto intrigado
examina um gafanhoto:
folha saltitante. R

Renata Paccola

O pássaro bica,
na árvore carregada,
o figo maduro. A

Roberto Resende Vilela

Palmas compassadas
e cantos de parabéns.
Dia da Mulher. I

Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo

(palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

✉ Até o dia 30.03.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Namorados, Goiaba, Garaó. 📧
Até o dia 30.04.09, enviar até 3 haicus de quigos: Aipim, Dia do Trovador, Urubu.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou
mfmenendez@superig.com.br

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

Os frutos vermelhos lembram gotinhas de sangue nos pés de café.	De galho em galho, sem greve, a formiga escreve a lei do trabalho.	Sereno escorrendo lagrimas no botão-rosa... Manhã... rosa inteira!	Agência oferece uma pequena lembrança. Dia do Turismo.	O que será aquilo, uma esperança ou um grilo? Não! É o gafanhoto!	Frutos de uma vida... rolando de morro abaixo, nas águas de março!...	Dia da Poesia. Lançamento no Central: <i>Primavera em Flor.</i>
Djalda Winter Santos	João Elias dos Santos	Leonilda Hilgenberg Justus	Manoel F. Menendez	Marcelino Rodrigues de Pontes	Maria Madalena Ferreira	Olga dos Santos Bussade

Destacando o homem da divindade ele (Darwin) o enobreceu e lhe forneceu as bases de uma moral mais elevada, fundada sobre a fraternidade real. (Lameere 1864-1942) – SF0603

Perseverança – Darwin foi um cientista típico que: “quando está certo, afirma; quando supõe, ele o diz; quando duvida, ele o confessa”.

Tinha por lema, quando as provas lhe eram escassas para apoiar um idéia: “estou convencido, bem que não possa ainda provar”.

Durante cinco anos resistiu aos sofrimentos que lhe causavam as viagens marítimas e por vinte anos dedicou-se ao mesmo estudo, visando sempre o mesmo alvo; durante outros vinte anos sofreu os mais rudes ataques, sem modificar a índole pacífica de cientista convicto de sua doutrina. Suportou muitas amarguras com estoicismo sobre-humano e do próprio púlpito ouviu com placidez e dignidade as mais duras críticas às suas idéias.

Renato Kehl, Psicologia da Personalidade, Capítulo XXIII: A Perseverança do Gênio (SF0602 e SF0603), Característicos Psicológicos – 7ª Edição, 1957, Livraria Francisco Alves

Involgaridade – Paciência e nobreza de caráter; finura e penetração; observação e sagacidade; vivacidade de imaginação; perseverança e convicção na própria capacidade. Proibida científica; logicidade e bom senso; modéstia e simplicidade; agitador de idéias; gênio divulgador.

Cabe aqui, como remate, dizer que Darwin faleceu em Down, onde residiu desde seu casamento, no dia 18 de abril de 1882, aos 73 anos de idade, tendo tido funerais régios. Acha-se inhumado na abadia de Westminster ao lado de Newton e Herschell, onde vimos a simples lápide que cobre o seu sepulcro, assinalada apenas pelo nome de quem foi, em vida, um autêntico “herói do livre exame”.

Eu canto o homem vulgar, desconhecido
da imprensa, do sucesso, da evidência
o herói da rotina,
o rei do pijama,
o magnata
do décimo terceiro mês,
o play-boy das mariposas
o imperador da contabilidade.

Esse que passa por mim
que nunca vi outro assim.

Esse que toma cerveja
e cheira mal quando beija.

Esse que nunca é elegante
e fede a desodorante.

Esse que compra fiado
e paga sempre atrasado.

Esse que joga no bicho
e atira a pule no lixo.

Esse que sai no jornal
por atropelo fatal.

Esse que vai ao cinema
para esquecer seu problema.

Esse que tem aventuras
dentro do beco às escuras.

Esse que ensina na escola
e sempre sofre da bola.

Esse que joga pelada
e é craque da canelada.

Esse que luta e se humilha
p’rá casar bem sua filha.

Esse que agüenta o rojão
pro filho ter instrução.

Esse que só se aposenta
quando tem mais de setenta.

Esse que vejo na rua
falando da ida à lua.

Eu canto esse mesmo, exatamente
esse que sonhou em, mas nunca vai

ser:
acrobata,
magnata,
psiquiatra,
diplomata,
astronauta,
aristocrata,
(é simplesmente democrata)
almirante,
traficante,
viajante,
caçador de
elefante

(vive só como aspirante)
pintor, compositor,
senador, sabotador,
escritor ou diretor

(é apenas sonhador)

pistoleiro,
costureiro,
terrorista,
vigarista,
delegado,
deputado,
galã na tela
ou mesmo em telenovela,
marechal,
industrial,
presidente,
onipotente.

(Ele é simplesmente gente)
e, inconsciente marcha pela vida
buscando no seu bairro
na cidade lá do interior,
no escritório, consultório
no ginásio,
na repartição,
na rua, no mercado, em toda a parte
somente uma razão
para poder dormir com a esperança
e de manhã, na hora do encontro
com o espelho, ao fazer a barba,
ver o reflexo do campeão.
Mas que, na frustração cotidiana,
vai encontrando aos poucos sua glória.
Por isso eu canto a luta sem memória
desse homem que perde, e não se ufana
de no rosário de derrotas várias
e de omissões e condições precárias
poder contar com uma só vitória
que não se exprime nas mentiras tantas
espirradas sem medo das gargantas
mas sim no que ele vence sem saber
e não se orgulha, campeão na história,
da eterna luta de sobreviver.

Idáσιο Tavares, Canto do homem cotidiano

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade, No meio do caminho

Um animal passeia nas montanhas.
Arranha a cara nos espinhos do mato, perde o fôlego
mas não desiste de chegar ao ponto mais alto.
De tanto andar fazendo esforço se torna
um organismo em movimento reagindo a passadas,
e só. Não sente fome nem saudade nem sede,
confia apenas nos instintos que o destino conduz.
Puxado sempre para cima, o animal é um ímã,
numa escala de formiga, que as montanhas atraem.
Conhece alguma liberdade, quando chega ao cume.
Sente-se disperso entre as nuvens,
acha que reconheceu seus limites. Mas não sabe,
ainda, que agora tem de aprender a descer.

Leonardo Fróes, Introdução à arte das montanhas

Os homens se divertem com as palavras
como as crianças se divertem com bolhas de sabão.
Ai daquele que põe o coração nas palavras
porque depois vem a perdê-lo
como se perde a identidade da imagem
num espelho partido.
Ai daquele que depositou seu fardo de sonhos
às costas das palavras.
As palavras são como as velas de uma nau
que perdesse a rota da bússola.
Teu coração é um labirinto de palavras
mas as palavras precisam
de tuas sensações para existir
e as tuas sensações não são menos abstratas
do que as sete verdades do arco-íris.

Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século, José Nêumanne Pinto, 2001, www.geracaoobooks.com.br

Mastigas diariamente as palavras
como se elas fossem um bálsamo para a alma.
As palavras te governam e te configuram
delimitam as fronteiras de tua solidão
os caminhos da eternidade e do adeus.
As palavras assinalam o momento de tua morte
e te ensinam a abrir a porta onde não existe porta.

Francisco Carvalho, Bolhas de sabão

Numa luta de gregos e troianos
por Helena a mulher de Menelau
conta a história que um cavalo de pau
terminava uma guerra de dez anos
Menelau o maior dos espartanos
venceu Páris o grande sedutor
humilhando a família de Heitor
em defesa da honra caprichosa
mulher nova, bonita e carinhosa
faz o homem gemer sem sentir dor

Alexandre figura desumana
fundador da famosa Alexandria
conquistava na Grécia e destruíra
quase toda a população tebana
a beleza atrativa de Roxana
dominava o maior conquistador
e depois de vencê-la, o vencedor
entregou-se à pagã mais que formosa
mulher nova, bonita e carinhosa
faz o homem gemer sem sentir dor
a mulher tem na face dois brilhantes
condutores fieis do seu destino
quem não ama o sorriso feminino
desconhece a poesia de Cervantes
a bravura dos grandes navegantes
enfrentando a procela em seu furor
se não fosse a mulher mimosa flor
a história seria mentirosa
mulher nova, bonita e carinhosa
faz o homem gemer sem sentir dor
Virgulino Ferreira, o Lampião
bandoleiro das selvas nordestinas
sem temer a perigo nem ruínas
foi o rei do cangaço no sertão
mas um dia senti no coração
o feitiço atrativo do amor
a mulata da terra do Condor
dominava uma fera perigosa
mulher nova, bonita e carinhosa
faz o homem gemer sem senti dor.

Otaclio Batista, Mulher nova, bonita e carinhosa...

É de noite que os mortos voltam
em sua barca de papel
a roçar a porta do sono
em que inermes escurecemos
mais um dia – pulmão de chama
contraíndo a luz da manhã!
É de noite pela amurada
que vêm se debruçar conosco
e indulgem – apenas sorriem
sem qualquer resguardo, sem ênfase –
em ir e vir, em ter partido.
Impressões de viagem? Alheias
como a do perfil de uma dracma.

Remiram-nos maliciosos
pensos de ternura se quedam
em sua fosca primavera,
atrás de embaciados acenos,
pacientes, à nossa espera.

Lélia Coelho Frota, Aquerônico

O preço do feijão
não cabe no poema.
O preço do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

o funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
– porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”

só cabe no poema
o homem sem estomago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
o poema, senhores,
não fede
nem cheira.

Ferreira Gullar, Não há vagas

Meu deus como é triste
olhar a noite nos olhos
o som da treva ecoa
no brejo mais fundo
lembrar a montanha
a tarde cheia de sinos
a menina – névoa no azul
o menino

uma luz
que afastasse este breu
para além da estrela remota
olho e vejo um furo
no escuro – um lago?
aviões partem
para que deserto?

Francisco Alvim, Espelho

Sempre é melhor
saber
que não saber.

Sempre é melhor
sofrer
que não sofrer.

Sempre é melhor
desfazer
que tecer.

Sem mão
não acorda
a pedra

sem língua
não ascende
o canto

sem olho
não existe
o sol.

Orides Fontela, Axiomas